

Darcy Ribeiro começa, enfim, a confessar

Seu novo trabalho, 'Os Diários Índios', chega às livrarias e está sendo autografado hoje, às 19 horas, na Bienal do Livro: enquanto isso, ele prepara uma obra de memórias que chama de 'Confissões'

ERIC NEPOMUCENO
Especial

Na noite do dia 31 de dezembro de 1995, Darcy Ribeiro estava na varanda de seu apartamento no Rio de Janeiro, olhando a multidão espalhada pela Praia de Copacabana e pelo asfalto e as calçadas da Avenida Atlântica. Das alturas daquele quinto andar contemplava tudo com olhos de aviador percorrendo as pessoas, as ondas, as embarcações iluminadas.

Estava cercado por alguns amigos e algumas amigas. Quando faltava pouco para a virada do ano duas delas chegaram na varanda, aproximaram-se da cadeira em que ele estava sentado e colocaram no chão um grande balde prateado cujo destino inicial seria manter geladas duas ou três garrafas de vinho. Ele esperou o foguetório da meia-noite e mergulhou os pés descalços no balde, sorrindo e acenando para o mar e para o céu. No balde havia um pouquinho do Atlântico e alguns punhados de areia da praia. Darcy Ribeiro queria virar o ano com os pés no mar.

Essa é uma boa maneira de ver Darcy Ribeiro sendo Darcy Ribeiro em seu melhor jeito. A perna castigada por um câncer torna difícil ir ao mar na virada do ano? Pois sempre há um jeito de fazer com que o mar venha até ele. As circunstâncias o obrigam a uma dieta estrita? Pois que regressem os tempos em que ele descobriu as frutas e esses tempos sejam agora recobrados em quantidades formidáveis de frutas consumidas sem parar.

O apartamento de Copacabana tem passado longas temporadas sem ser visitado pelo dono. Lá está parte importante de sua biblioteca, os quadros de alguns amigos, a varanda sobre o mar. A mesma coisa ocorre com a casa que Niemeyer desenhou e Darcy Ribeiro plantou na Praia de Maricá, a uma hora de estrada do Rio de Janeiro, e ainda com o sítio, também em Maricá, onde ele espalhou mudas de coqueiros com a certeza de que aproveitará o som de suas folhas e a lassidão de suas sombras em tempos de vadiagem que, com certeza, virão. Como viajar cansa, Darcy Ribeiro passa a maior parte do tempo em Brasília, no amplo apartamento de senador. Os deslocamentos agora são custosos, mas isso não impede que ele continue esbanjando otimismo e uma acelerada capacidade de auto-ironia.

Toureando adversidades — Uma das coisas mais marcantes em Darcy Ribeiro é sua enorme capacidade de tourear as adversidades. Até o final de 1994 ele era extremamente descuidado com a própria saúde. Às vezes, se refugiava por vários dias na casa da Praia de Maricá e não tomava os remédios esquecidos no Rio. De volta a Copacabana, consumia doses acumuladas — para compensar, explicava com um sorriso maroto. Claro que não deu certo: quase morreu. Agora vive cercado por uma vigilância discreta e sévora. Os remédios são tomados na hora e na dose exatas, a alimentação é vigiada de perto. No apartamento de Brasília, o almoço é generoso, a sexta é sagrada, as noites são tranquilas. Depois de uma rápida refeição noturna, começa a sessão única do *Cine Ribeiro*: o senador vê um vídeo por dia.

Volta e meia, ele enfrenta o cansaço e nada o irrita mais que se sentir cansado. E então ele retorna o jeito Darcy Ribeiro de driblar os males padecidos por Darcy Ribeiro. Detesta se sentir cansado? Pois decidiu que adora se sentir preguiçoso.

Nessa rotina, ele passa seus dias. Na verdade, se comparado ao seu ritmo normal, Darcy Ribeiro até que anda menos apressado: está fazendo apenas quatro ou seis ou sete coisas ao mesmo tempo, além, é claro, do Senado, que consome pelo menos dois dias de cada semana e muitas outras horas soltas dedicadas a projetos, análises, estudos, negociações.

Por estes dias, Darcy Ribeiro está lançando um livro, escrevendo outro, pensando num terceiro, estruturando o que chama de Universidade Aberta, dando novos rumos que permitam a instalação da Fundação Darcy Ribeiro (Fundar), defendendo idéias sempre polêmicas em qualquer ocasião, escrevendo artigos semanais para a imprensa. O ritmo diminuiu, é verdade, mas continua inacreditável. A vida de Darcy Ribeiro é uma atividade febril, avassaladora de relógios e calendários, intensa, desenfreada.

Projetos capitais — Em janeiro de 1995, recém-escapado de uma temporada em um hospital, ele mergulhou fundo em dois projetos capitais. O primeiro foi *O Povo Brasileiro*, que completara sua obra antropológica sobre o Brasil e as Américas. Alguns especialistas sérios, mas desavisados, disseram que a sobrevida de Darcy Ribeiro estava assegurada por seis meses. Afinal, ele estava sofrendo um ataque violento e perverso: o câncer da próstata havia se espalhado pelos ossos e o novo câncer — um mieloma — avançava em velocidade alucinante.

A alguns amigos e amigas — pouquíssimos —, ele disse que não queria pensar nesses seis meses. "Quero pensar em menos, em dois", dizia, para depois explicar: "É o tempo que preciso para terminar o livro que estou querendo escrever desde 1964 e cuidar de outro, que comecei a escrever em 1951."

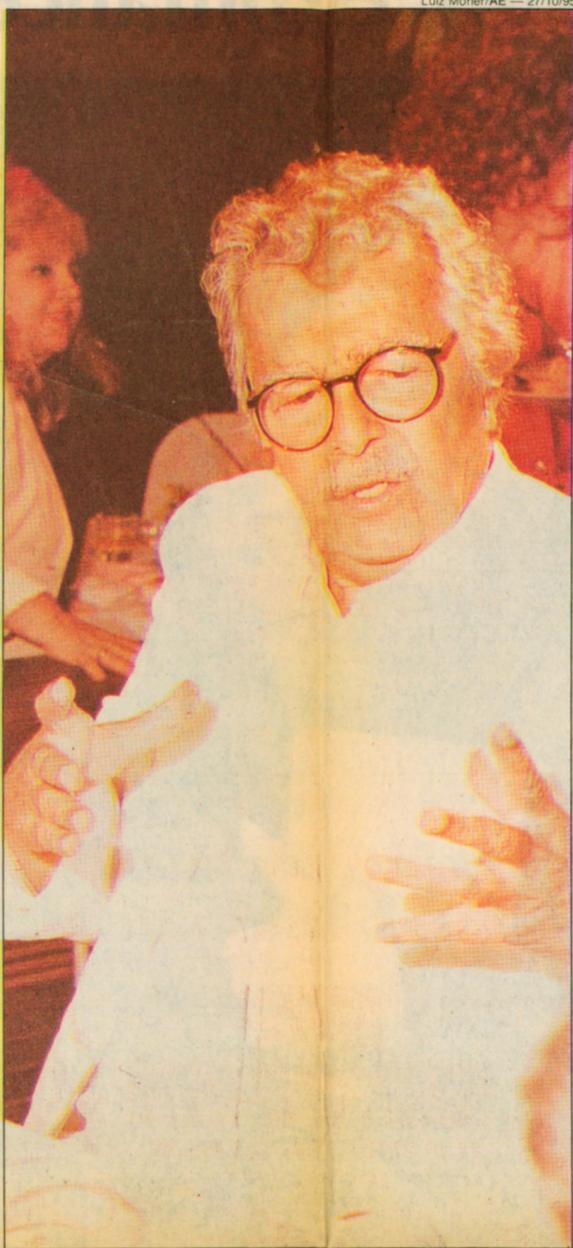
O primeiro ficou pronto e se tornou um dos grandes êxitos de vendas do ano passado. Até hoje vende uma quantidade mais que respeitável de exemplares por mês. O outro projeto capital ele foi desencavar no poço mais fundo da memória. O material estava

espalhado em cadernos, pastas perdidas e, enquanto ele mergulhava em *O Povo Brasileiro*, uma de suas assistentes passou tudo para a memória de um computador. O resultado — quase mil páginas — foi parar em duas grossas pastas amarelas com capas de plástico. "Este material pode dar um bom livro", disse ele a um

amigo num entardecer em Maricá. "Pelo menos, acho que pode; dê uma olhada, veja se estou certo, mas tem de ser rápido."

O amigo escritor passou dois dias mergulhado no material das pastas amarelas. Voltou a Maricá num sábado à tarde para dizer a Darcy que ele estava enganado: o material podia dar não um bom livro, mas um livro estupendo. Darcy tornou então a ler as primeiras cem ou 200 páginas buscando pausas na feitura de *O Povo Brasileiro*, entrou num entusiasmo juvenil e decidiu fazer o livro com calma. "Tenho tempo, esses médicos não sabem nada", disse ao mesmo amigo ao contar que aquele seria o livro mais importante da sua vida. Pouco mais de um ano se passou e o livro — *Os Diários Índios* — está publicado. São quase 700 páginas recolhendo tudo que foi visto e vivido durante as longas temporadas entre os Urubu-Kaapor há 50 anos. Além de histórias incríveis, que contêm todos os elementos para crescer e se tornarem livros com vida própria, ele recolhe uma enorme quantidade de mitos e cânticos sagrados. Mais que isso, reflete a cruel realidade da vida dos índios, que já há 50 anos vivem a ameaça perene da perda de identidade, da cultura, do direito a ser. Ele manteve, afinal, a forma com que esses diários foram escritos: uma longa e detalhada carta à sua primeira mulher, a também antropóloga Berta Ribeiro.

Livro intimista — Como nunca pode parar um minuto na vida, após o lançamento de *Os Diários Índios* ele já está mergulhado em outro projeto literário. Um livro intimista, de memórias, mas com o traço de ousadia que costuma imprimir em tudo que faz. Para começo de conversa, esclarece Darcy, esse negócio de livro de memórias é para os outros. Ele quer mais: o livro, ainda na fase



Darcy Ribeiro: "Ainda estou aprendendo a me ser, eu mesmo"

dos rascunhos, já tem título — *Confissões do Darcy Ribeiro*. Parte das histórias já está em outros livros confessionais, sobretudo em *Migo*, de 1988, e *Testemunho*, de 1990. Mas agora, descompromissado com qualquer coisa que não seja a própria memória, ele se espalha com mais soltura.

O livro ainda está na primeira etapa do método Darcy de escrever. Ou seja, ele dita, alguém passa para o papel, ele corrige, alguém tenta ajudá-lo a decifrar a caligrafia das correções, ele chama um amigo que lê em voz alta, novas correções são feitas — oralmente, é claro — e tudo isso vai sendo empilhado.

Até o momento, são cerca de 150 páginas em versão bruta. A idéia desse livro veio sendo desenhada aos poucos.

No começo do ano, Darcy Ribeiro estava padecendo dores agudas na perna direita, onde o mieloma vinha agindo com mais violência. Foi aos Estados Unidos para um tratamento severo — injeções de estrôncio, que ele chama de *injeções atômicas*. O humor sempre ágil tem fundamento. O estrôncio é, segundo os dicionários caseiros, "elemento atômico de número 38", cujas características iniciais são as seguintes: "Metálico, branco prateado, leve."

Vida — Para saber de seus efeitos médicos é preciso conversar com um especialista. Darcy resume tudo numa frase só: "Eu tinha mais seis meses de vida, agora tenho dois anos e meio; esses médicos parecem gerente de banco, acabam sempre negociando os prazos, desde que você saiba levá-los na conversa."

Nos *Diários Índios* a maior parte das histórias é formada por matéria-prima capaz de gerar bons romances. No livro em andamento, *As Confissões do Darcy Ribeiro*, isso se repete. Ele diz que está escrevendo de maneira solta, sem se preocupar com formas. "Estou contando as coisas do jeito que as coisas voltam na memória", explica. Se em *Migo* há momentos de raro preciosismo de vocabulário e estranhas construções que se emparelham ao barroco, agora a intenção é outra. Alguns trechos de *Migo* estão sendo retribulados para o livro novo. Não se trata de repetição ou descuido: ao contrário, a intenção de

Darcy é reunir tudo de novo num livro só, que seja mais definitivo. Ele fala de Montes Claros, sua cidade natal, chamando-a pelo nome usado pelos seus conterrâneos: *Moc*. Fala também de sua descoberta de Belo Horizonte, da primeira vez que viu o mar, de sua chegada a São Paulo. Conta passagens de sua vida de estudante de medicina na capital mineira, relembra amores adolescentes, repassa derrotas e vitórias, esperanças e frustrações — talvez como uma forma de lembrar a si mesmo que se atirar com fé de peregrino em todas as empreiteiras da vida sempre foi uma espécie de destino.

Num certo dia de abril de 1996, Darcy ditou o seguinte:

Aqui estou eu, velho ou quase, me levando nas águas de eu menino. É o melhor que posso fazer. Em lugar de antecipar achaques que virão, adivinho; retomo, escrevendo, quanto o permita a memória, os ares daqueles idos. Cantar o começo da vida, isso quisera. É impossível. Só uma criança, um jovem, na inocência e no espanto dos sentidos mal despertados, da razão desarmada, poderia. Mas também não faria. Nem teria para quê, ocupado que estaria em viver.

No dia seguinte, e ignorando qualquer noção de cronologia, escreveu o que possivelmente venha a ser uma espécie de introdução. Com o título de "Nota", ditou:

Esse livro meu, ao contrário dos outros todos cheios de datas e precisões, é um mero relato espontâneo. Recapitulo aqui, como me vem à cabeça, o que me sucedeu pela vida afora, desde o começo sob o olhar de Fininha, até agora, sozinho neste mundo.

E mais adiante, a mesma "Nota" termina assim, em sua primeira versão:

Só peço ao leitor — prefiro as leitoras — que me leia desarmado, sem procurar aqui testemunhos de sabedoria, mas também sem se impostar de juiz e julgarme, inclemente. O exercício de, recordando, reviver um passado que me sensibiliza muito. Quero saber e sentir como é que acho que cheguei a ser o que sou. Leia,

você, também, curtindo e, se possível, continue, apesar de mim, a me querer bem. Adeus. Darcy.

Na verdade, o que ele mais está apreciando enquanto escreve suas *Confissões* é a estranha e cálcida possibilidade de reviver o vivido. "Às vezes, me engano de datas, mas nunca de rostos, lugares, gestos, sons, cheiros", diz Darcy Ribeiro. "Terei de entrar em temas que nunca tratei em meus escritos com tanto despodor; as questões políticas, as histórias que ficaram sem contar, à espera sabese lá do quê...", diz. "Também conto passagens mais íntimas, histórias que guardei comigo esses anos todos, sabe como é; quero passar a vida como num filme, de vagar, quero reencontrar gente que amei e que me amou, quero me reencontrar, está sendo muito bom."

Imagem permanente — Um desses reencontros se repete em poucas imagens que já apareceram em livros anteriores — o pai, que morreu quando Darcy tinha 3 anos de idade. A imagem mais permanente é a mais cruel: o pai morto, o caixão sendo velado na sala do casarão, o menino Darcy cujos olhos estavam na altura exata do corpo morto do pai.

Mas há novidades nesse reencontro de Darcy com sua história e com suas imagens permanentes e perseguidoras. Ele encontrou uma carta que seu pai, Naldo Ribeiro, de família poderosa e de fortuna, mandou no dia 24 de outubro de 1920 a uma certa dona Fininha Silveira, como era chamada em Montes Claros a moça linda dos Silveira, família de gente honrada e pobre. "Não sei de nenhum Silveira rico", diz Darcy. "Não são bons para ganhar dinheiro, chegam apenas a remediados."

Tentando esclarecer situações de maneira franca e direta, escreveu o doutor Naldo Ribeiro então à "Exma. sra. d. Fininha Silveira":

Cumprimento-a respeitavelmente.

Permita-me que comece esta pedindo-lhe desculpas pela grande ousadia que tenho neste momento em escrever-lhe, mas é que mesmo indiretamente é a causa principal da dívida e da incerteza que paira em meu espírito. Embora nunca tenhamos fallado sobre amor, é certo que entre nós, ou pelo menos da minha parte, existe para com a sra. uma verdadeira sympathia, e como consigo não sei se dar-se-á o mesmo, venho pedir-lhe para que em termos claros e precisos se defina a meu respeito. Pensa a sra. em casar-se comigo?

Ao filho que nasceria dois anos depois — mais precisamente no dia 26 de outubro de 1922 — só restam algumas poucas observações: "Como era belo o amor de antigamente: respeitoso, solene, até tolo, inocente; coitado de mim que nunca alcancei essas grandezas de coração."

Haver e dever — Se não alcançou essas, com certeza alcançou outras — o que serve mais de constatação que de consolo. Nas vésperas de seus 74 anos de vida vivida a cada segundo, quando se detém para fazer o balanço entre o haver e o dever, ele anota: duas dúzias de livros publicados em duas dezenas de países, com mais de uma centena de edições; seu trabalho como criador ou reformador de universidades espalhadas pelo Brasil, Uruguai, Peru, Argélia, Venezuela, Costa Rica, México. Seu trabalho ao lado de Salvador Allende, Jango Goulart, Juscelino, Leonel Brizola: sua estranha e irremediável mania de defender sempre causas aparentemente perdidas, "as únicas que valem a pena nesse mundo feito desse jeito que está aí", sua negatividade de ferro a se conformar. "Nós, latino-americanos, só temos duas opções", disse ele há mais de 20 anos: "Ser resignados ou ser indignados; e eu não vou me resignar nunca."

Disse e cumpriu. Em suas *Confissões* em andamento, foi ditado numa quinta-feira de abril:

Sei bem que não nasci em branco. Sei também que não nasci com destino certo, prescrito. Nasci li-

vre, quer dizer, meio livre, porque trazia geneticamente inscrito todo um capital detalhadíssimo, como a forma de meu nariz, de minha boca, a textura de meu cabelo e os gestos ancestrais.

Seja como for, e tal como estão nos borradores que formam a primeira versão de suas memórias, ter nascido sem destino certo e prescrito não impediu que desde as lembranças da infância na Montes Claros, onde se desencadeou a Revolução de 30, até o dia de hoje, ele testemunhasse e muitas vezes participasse de maneira direta e decisiva dos acontecimentos que fizeram a história de nossos tempos. Nas anotações de suas memórias da política há uma lista de temas e nomes que servem como guia para a feitura do livro. Lá estão: Getúlio, Jango, Jango no Poder, o Gabinete Hermes, Convocação, Casa Civil, Dispositivo Militar, Milícios, Guerra Suja, Lagostas, A Queda. Para quem tem memória curta ou grande interesse em fazer com que este país tenha memória curta, há anotações fundamentais, observações e confissões que até agora foram reservadas a pouquíssimos amigos.

Encontro com Prestes — Darcy Ribeiro conta, por exemplo, do encontro que pediu para ter com Luiz Carlos Prestes nas vésperas do golpe de março de 1964. O encontro ocorreu no apartamento de Sinval Palmeira, na Avenida Atlântica, e durou horas. "Eu queria preveni-lo de que marchávamos para um movimento que devia se realizar a partir do dia 1º de maio, de pressão pela reforma agrária. Esse movimento devia ter manifestações camponesas, manifestações operárias e podia terminar numa greve tão ampla quando fosse possível. Argumentava eu sobre a preparação necessária para tudo aquilo e dizia que o apoio do partido comunista seria indispensável. Mas acho que Prestes mal me ouvia. Ele queria comunicar, e

comunicou reiteradas vezes, que o presidente podiam ficar tranquilo em relação aos comunistas. "Nós não faltaremos com ele, professor, só exigimos que ele me permita uma formalização legal ao que vier a fazer." Quer dizer, "ele me dizia que estava totalmente de acordo com um golpe, se Jango desse um, e eu tentava dizer que o golpe estava sendo armado, mas continuava dizendo que não passava, ele não registrava, achava tudo cor-de-rosa."

Há muita matéria dessa mesma memória e ela está sendo passada para o papel. O livro, diz Darcy, não tem prazo para ficar pronto. "Está bem adiantado, mas a memória é uma coisa estranha, um fato puxa outro, desencava um terceiro e eu vou mergulhando fundo nesses reencontros."

Como ditou num dia de sentimentos desencontrados,

Sei perfeitamente que sou, o que sou. Um ser minúsculo, sei, mortal, de existência brevíssima colocado na calota do planeta. Aqui posto, olho as infinitudes que puru além de mim, sem fim, se desdobram num universo imenso, eterno. Inútil. Também posso me voltar para mim, ateado às voltas dos meus intestinos ou para o meu sentimento de mundo. O atrativo mesmo é olhar ao meu redor, ver as gentes parecidas comigo, que aí estejam pelejando, convivíveis.

Ou como registrou em outra de suas jornadas de *Confissões*:

Ainda estou aprendendo a me ser, eu mesmo, comigo, nas pausas variadas em que estou sempre sendo e me mudando.

Isso tudo dentro de sua maneira de dar rumo ao seu barco: resistindo sempre, indignando-se o tempo inteiro, sem se resignar jamais. O livro cresce um pouco a cada semana. E ao anoitecer, antes do início do *Cine Ribeiro* em seu apartamento do planalto central, ele sorri, entre maroto e ternecido, sabendo o que irá recordar amanhã.

Eric Nepomuceno é escritor, autor, entre outros títulos, dos livros de contos *Coisas do Mundo* (Companhia das Letras), *40 Dólares e Outras Histórias* (Guanabara) e *A Palavra Nunca* (Francisco Alves)